

padê editorial

cole-sã escrevivências

apoio:
Fundo Elas de investimento social

inverno2018
distrito federal

padê editorial

**a saudade
é mulher**

**fernanda
fernandes muniz**

cole-sã escritivências n. 010

a saudade é mulher

poemas de Fernanda Fernandes Muniz

edição, diagramação: tatiana nascimento
revisão: rose castilho
concepção da arte: tatiana nascimento
coordenação das oficinas de encadernação: kati soute

ilustração da capa: Taís Aragão

padê editorial é um coletivo editorial artesanal
que publica autoras negras y/ou lgbtqi+,
fundado por tatiana nascimento y bárbara esmenia,
em Brasília / DF
www.pade.lgbt
pade.editorial@gmail.com

esse livro foi feito no DF, em agosto de 2018, como parte do projeto “Escrevintes: autopublicação artesanal de narrativas LBTs”, proposto pela padê e selecionado pelo Fundo Elas de Investimento Social em edital de 2018

tipografia: hero (capa), ogirema e chicago (miolo)

Muniz, Fernanda Fernandes
a saudade é mulher / Fernanda Fernandes Muniz. -
1a. ed. - Brasília (DF): padê editorial, 2018.

ISBN: 978-85-85346-11-9

1. poesia I. título.

sobre a cole-sã escrevivências

inspirada no conceito de escrevivências de conceição evaristo, a cole-sã escrevivências, da padê editorial, é dedicada a textos de autorxs lgbtqi+ negrxs* estreantes, produzindo literatura contemporânea. são 50 títulos de livros cartoneros (com capa de papelão reutilizado!), escritos por autorxs sapatonas, travestis, mulheres y homens trans, gente não-binária, povo preto sexual-dissidente de um monte de lugares num brasil que insiste em nos matar, nos impedir de sonhar, de falar com nossa própria voz. mas mesmo assim: aqui estamos, falamos, escrevemos. sonhamos! fazemos nossos próprios livros.

foi no blog de conceição que li “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. o racismo htcisnormativo, mola de funcionamento do sistema colonial que fez nossa banda do continente ser como é (escravocrata, lgbtqifóbica, espriante de genocídio negro, indígena, de transfeminicídio, classista, desesperançosa, fundamentalista) tem entre suas principais ferramentas políticas de silenciamento: tenta nos roubar de nossas palavras, contaminar colonizando nossa expressão/discurso/narrativas, quer despermitir que plantemos nosso próprio imaginário. difundir seus estereótipos sobre nós enquanto finge que não vê não ouve o que nós mesmxx temos a dizer sobre nós.

selecionar esses textos y autorxs tem a ver com uma fé no contar nossas próprias histórias. y histórias que curem nosso passado, alimentem nosso presente, construam nosso futuro: além de incomodar sonos injustos, embalar os nossos sonhos de mundos, imaginários, afetos, existências possíveis, plenas, autodeterminadas, autoafirmadas literariamente.

todos os livros publicados na cole-sã têm licença *creative commons* tipo “atribuição-não comercial-sem derivações”, o que significa que você pode compartilhar o material em qualquer suporte ou formato, desde que a autoria seja atribuída (“atribuição”) y desde que não seja feito uso lucrativo do material (“não comercial”). se você modificar esse conteúdo, tampouco pode distribuí-lo (“sem derivações”).

tatiana nascimento, organizadora

*75% dxx autorxs publicadxs se autodeclaram negrxs

sobre fernanda fernandes muniz

Filha de pais nordestinos, Fernanda Fernandes Muniz é aquariana, nascida em 26 de janeiro em 1996, em Valparaíso de Goiás, entretanto, cresceu na região administrativa do DF, Riacho Fundo 1, onde ainda vive com sua companheira de vida. Nasceu em uma família católica, o que a fez passar boa parte da sua infância na igreja. Na adolescência, foi vocacionada para ser freira durante um ano, quando descobriu sua sexualidade e, assim, deixou de lado sua vocação, dando impulso à busca pela sua identidade. Logo depois, também se descobriu enquanto mulher negra, deixando de alisar seu cabelo para assumir os cachos. No Ensino Médio teve sua primeira experiência com o teatro, que a influenciou para posteriormente adentrar no mundo artístico, onde começou a produzir arte como ativismo. Pedagoga formada pela Universidade de Brasília, é arte-educadora e tem como foco de pesquisa a memória e a identidade na educação antirracista.

CONTATO

E-mail: nandadfernandes@gmail.com

Celular: (61) 983515609

Facebook: Fernanda Muniz

Instagram: [@soulmuniz](https://www.instagram.com/soulmuniz)

sobre a saudade é mulher

Nossos distraídos olhares contemporâneos, que se distorcem em prol das aparências, reverberando o espetáculo premeditado de sorrisos amarelos, virtualizam-se às expectativas do inexistente outro. Somos, infelizmente, na maior parte dos nossos dias, o que não somos. A invenção de mecanismos de pertencimento nos afasta do que nos pertence. Buscamos, portanto, inventar um corpo que pretende ser meticulosamente observado e admirado. O que faz “sentido” para nossas convenções sociais pode não haver contido nelas nossa potência de querer sentir. Quando nos percebemos nesse espiral repetitivo de atropelos, a tendência é externalizarmos a vontade de romper com as camadas molduradas de certezas. É aqui, nesse instante de lucidez, que a poesia é inevitável.

A Fernanda sente através do seu olhar sincero para o cotidiano. Ela ressignifica as utópicas sistematizações em que nos forçamos a caber. A fluidez do ritmo rimado de suas palavras se configura ora solta, como grito que anuncia fragilidades, ora sussurrante, respirando desejos engasgados. O afeto, impulsionado pela dança de detalhes, é plurissígnico, furta-cor. Humaniza-se pela instabilidade e multiplicidade de afetar-se. Na dor, saudade, paixão, desilusão, resistência, a menina nos convida para dançar junto. Acarinhados pela generosidade das suas memórias, histórias e descobertas, somos levados a uma sensação confortável de não aparentar ser.

Ao ter a nítida convicção de que não temos a convicção de nada, admitidos que a passagem, o caminho, pode ser uma das perspectivas que norteiam a nossa dinâmica consciente de estar no mundo. Os materiais apresentados pela autora são ferramentas educativas e transformadoras que criticamente despem nossas ilusões e simultaneamente incitam a criarmos outras tantas ilusões, agora pautadas em reinventar os dias, resgatando-nos para o imaginário. A vida entre aço, veludo, lágrimas e borboletas é o lugar onde a Fernanda nos mostra a carne, o sangue, a ferida, o veneno e o remédio.

Taís Aragão
junho de 2018

PRIMEIRA PARTE

SAL

Ser mulher e sentir saudade de outra,
É como o coração saindo pela boca.
A mera semelhança que se tem entre as duas; vira
[antagônica.
Se sentir assim é como ir à busca do seu eu mais Yang.
Faz-te ver ser tão diferente da outra a ponto de não en-
[xergar a feminilidade mais pura que se tem uma mulher.
Sou porque somos.
Mulher.
Sou.
Cadê?
Sou ela.
Mas sou eu também.
Como isso pode ser?
Sou saudade agora.
Toda saudade.
Dos fios do cabelo à unha do mindinho do pé.
Escutar sua voz pelo celular.
Sensação estranha.
Meu corpo frio.
Não consigo sentir sua presença mais, nem pela sua voz.
Me sinto neutra.
Me sinto fora.
Me sinto externa a mim.
Você diz estar com saudade, mas não consigo prestar
atenção em nada.
Você diz que está feliz dançando.
Meu pensamento dança uma música que passa nos
velórios da cidade.
O seu celular descarregou.
A energia da sua pousada acabou.
Meu mundo caiu.
Esse vácuo se materializa dentro dessa pequena quit-
[nete, que parece se tornar um palácio com 20 quartos e
[corredores que parecem não ter fim.

O vácuo se expande em cada quarto do meu corpo.
De mim.
Estar só,
Estar saudade.
Sal,
Dade.
O sal,
Da idade.
Preciso ser sal.
Sal branco?
Sal grosso?
Sal.
Sal que foi derramado no chão na hora de cozinhar.
Perdeu a oportunidade de ser tempero,
De temperar.
De ter o ar.
Ganhar o ar.
Para virar,
Saudade.

AGUACEIRO

Assim que ela me deu boa noite,
Me veio a sensação de vazio novamente.
A saudade é vazia.
Ela vaga,
vaza,
pelas ruas do meu corpo,
Feito vazamento de água quando estoura um cano em casa.
Aquele desespero em tapar logo o quanto antes para não
[alagar a casa toda.
Não estragar os móveis de madeira que já têm 14 anos.
Não teve jeito.
Molhou.
Mofou.
A madeira é duradoura,
Mas não pode molhar.
Ela é feito açúcar que quando molha fica dura e perde sua
[textura fina.
Não deu tempo de chamar o encanador,
Diga lá o bombeiro.
Não teve jeito.
Deixou alagar.
Alagou,
a casa toda.
Alagou
meu corpo todo.
E me apeguei a ela.
A saudade.
Ela me deu boa noite.

MUDA

Sentir,
É quase um agir interno.
Inflamar o esterno em pleno inverno.
Com essa dor subo pro teto.
Não vejo estrela no céu.
Escuto sua voz gritando.
Eu chorando.
Não sei o que dizer.
É pra ter uma resposta?
Deixa-me ver.
Tô sentindo.
Desço a escada rindo.
Quando aceito que a distância é a melhor forma de sentir,
Saudade.
Que encará-la é uma cura mais escancarada.
Pra mim e pra você,
Amada.
Mas me diga isso,
Não fique calada,
Isso me alaga,
Estou sufocada.
Com sua não fala.
Jesus agora fala comigo na sala:
— Estou contigo, criança gripada!
Vírus de arma,
Que estoura e não mata.
Só sente a dor,
Calada.
Fala.
Por favor.
Me mata.
Mas me mata com a fala.
Melhor do que nada.
Me deixa afobada,
Odeio sua cara que não vejo mais,
Que nada.

É isso mesmo.
Continuo nesse breu, sensata.
Que gripa sem sair de casa.
Vírus babaca.
Que ama, mas quase mata.
A dor fala.
Na lata da história não contada,
E jogada,
No Atlântico da minha morada.
Amada,
No seu silêncio, sou nada.

FOME

Saudade malvada
Meia-noite chega e me fala
Insônia que me atormentava
No sono escutava
Ruídos de um amor que se leva na mala
Entretanto, não existe na escala
No whatsapp não fala
Se cala
Me recorda uma mata
Dona de um horizonte sem graça
Nem se fala
No que pode acontecer
Caio sentada
Sabotagem
Na escuridão da margem
Devagar me acordo
Sei que isso não foi um sonho que me alertava
Fome de amor que se fala.

MORTE

O céu.

É feito mel.

Escorregadio e vadio.

Quando penso nela nem rio,

só de desespero sombrio.

O fato dela não falar me faz pensar:

Saudade

pode matar.

Escuto sua voz no áudio da conversa passada.

Meu estômago embrulha.

Não aguento.

Saudade

pode matar.

Você foi embora sem se despedir.

Assim me apego.

No Ego do mal,

mal me guio

Ai.

Saudade mata.

SEPULTAMENTO

Ando pela cidade fingindo não ter saudade,
onde está a lealdade que morava na eternidade?
Ao comemorar sua maioridade,
de raiva atiro no sol da tarde.
Por roubar veneno
e me dar através do tempo.
A solidão vem de dentro.
Não é nada sereno.
A dor?
Limpo no lenço.
O corpo sente.
E toda hora mente e desmente
Pra si e pra própria mente
De que isso não é
Desesperadamente
Saudador.
Saudade carrega dor.
Que se joga em ventilador.
E espalha no nosso interior.
Que horror.
Escuto gritos e choros no meu corredor.
Nesse instante percebo,
Preciso moer toda minha dor
E mandar pelo elevador.

SÉTIMO DIA

Aos poucos o sentimento muda
A saudade se torna nula
E na praça ela aparece
Mas só passa
O ferro queima
desamassa
e passa
Sou uva passa
Pra uns uva
Pra outras passa
Tudo passa e perde a graça
[ainda bem]
Tenho massa
Que fortalece minhas asas
Como tijolo para uma casa
Até chegar e encontrar vestígios
Do não me ver do espaço
Passo
E amasso
Tudo que me mata
Desfaço e refaço
Sou feita de aço
No meio do embaraço
Do abraço
Que carrega lembranças de um laço
para que eu renasça
nos meus próprios braços.

QUERER NÃO É PODER, já dizia minha mãe

Quero te amar
Não posso
Sou bipolar
Desejo que cai feito chuva
Não molha
Tenho guarda-chuva
Que impede de entrar no mar sem estar
A saudade viajar
E boiar
Da maré encher
Do navio navegar
Sem mar, quero nadar
Pagar um aluguel sem usar
A quitinete não explorar
Dá
Que falta que há
Além do ar
Que na janela não entra mais, olha lá
Meu deus, só me meto em roubada
Roubei com faca
Matei o que me mata
O amor é uma arma
Que não tem a guarda
Da mulher descuidada
Não sabe o que é ser amada
Mulher-fada?
Não.
Mulher-faca.

C

Ela se foi
Mulher-boi
Mas arrancou de mim
A tesa paixão que se quebrou
E me deixando assim
Com saudade dela, que miséira
Sonho com ela todos os dias
Ao olhar a lua na janela
Mandela
Peço sua ajuda pra revolucionar e resistir
Ao cheiro dela
Me causa remela
Como dormir horrores no peito dela
Me sinto em um devaneio
Ocupo o meio, não adianta
Sou dela
Que zela
Tropeço na pedra, pensando nela
Já era
Saí de mim
Tô morando nela
Eu
Ela
Que sufoco
Sentir saudade do que não existe.
Pulei da janela.

INVISÍVEL

Não provoque.
Me dê um choque.
Tire de mim essa confusão que me causa tesão,
quase morte.
Mulher forte.
Dançou na asa norte
(não esqueço do vestido)
Amarelo forte
Ô sorte!
Te ver nele me prendeu o pensamento.
Tanto tempo.
Não aguento.
Mas sustento,
e perco um tento.
Nesse jogo
Que a você me atento.
Sento,
no lago e não nado
Mamo
Do leite desnatado
Vomito o amargo
Do eu que largo
No cerrado desmatado.

INSIGHT

Licença,
onde é o fim?
Ela alugou um quarto em mim.
Não esperava que fosse tão íntima assim.
Essa não relação se tatuou na pedra de marfim.
Penetrei,
Devagarin.
Foi salgadin.
Do meu sonho acordei rapidin
e brindamos tim-tim
cansei,
gripei,
e fiquei
Atchim!

ARQUITETURA

Seu corpo é matemática pura.
Existem códigos,
Números,
Que me levam à loucura.
E olha que isso cura.
Cada encontro,
Não é querer todo mundo pra mim.
É a arquitetura do outro.
É sobre percorrer e não conhecer
É pra quem merecer
Não correr,
E sem querer
Sentir a maré encher
Sem saber
Começando da raiz quadrada, faz tremer
Gozando da vida
Vamos viver?

SUP(ERRAR)

Passei um dia sem pensar em você
E foi sem querer
Dancei
Apresentei
Pra te esquecer
Pensar que preciso viver
Sem te ter
Pra quê
Até o sol nascer
Que nem bebê
Quando ri
Mostra os dentinhos
Faz chover
Paranauê
Faz derreter
Os corpos sem a física não conseguem se mover
E eu aqui
Na esperança do carvão o fogo acender
Na verdade
Essa sensação
É quase um
Morrer
pra ser.

ENTRE LUGAR

Sextas-feiras se tornaram cinzas
É um vazio
Dá azia
Estou vazia
Dualidade do não estar
Cadê o mar
Pra me salvar
Desse buraco
Quero preencher
Me alimentar
Me saciar
Comer
Meu estômago não faz querer
Tá osso
Que nem cachorro quer
Imagina uma mulher
Que nem sequer
Sabe morder.

O NADA

Sempre vai existir uma parte de nós vazia
Veze varia
Uma é noite
Outra dia
No entanto
A magia nos guia
Colocando mania de tia
Que faz os gostos da criança
Por vazios que sentiu um dia
Não sorria
Só fugia
Corria, era pura euforia
Guria
Cheia de vazios e não sabia
Achou uma mulher que tampão de amor
Vendia
E aos poucos percebeu que aquele amor o seu coração
Amolecia
Porém, ao mesmo tempo tampouco
Te adoecia
Chamou um vigia
Que detectou durante uma grande folia
Uma pessoa que sorria enquanto vendia
Seu ego pro mundo
Freud não explicaria
Foi então pra pastelaria
Comeu o pastel de queijo
Que maria oferecia
O psicológico se arrependia
Pelo açúcar que ali teria
Gordura no seu corpo se transformaria
Culpa
Quanto mais raiva sentia
Mais forte o coração batia
E a estética falecia.

INFLAMAÇÃO

A falta inflama.
Igual criança que chama,
Pra brincar na rua e escorregar na lama,
Ralar o joelho e acabar na cama.
A ausência inflama.
E ainda por cima engana,
Porque no final é alguém que não anda,
E me chama,
Pra amar na rua,
Quando visto pijama.

FUGA

Devagarinho eu invento
Uma fuga de detento
Da prisão que vem de dentro
Pretendo
Sair do meu quarto sem medo.
Tô querendo.
Correndo.
E não tô vivendo.
Não consigo mais saber quando o sol tá nascendo.
Usei tanto óculos de sol pra me proteger do outro
Que não me vi encarecendo.

cole-sã **escrevivências**:

escura.noite, kati souto
sal a gosto, esteban rodrigues
paragrafia 44, lélia de castro
44 sentimentos, cleudes pessoa
cartas para NegraLua, débora rita
oju oiyn, okan iná, beatriz fernandes aqualtune
água viva, piera schneider
desculpa por ainda escrever poemas de amor, julianna motter
flores em coração cerrado, tati carolli
a saudade é mulher, fernanda fernandes muniz
delírios de (re)xistência, geise gênese
trans|bordô, lara ferreira
in-quietudes, vandia leal
coração no asfalto, márcia cabral
ser y estar en otros matices, rocío bravo shuña
olindeza, maryellen cruz
concha, sabrina leonardi
piroclastos, lázaro
afro latina, formiga
alumbramento marginal, bianca chioma
deve haver haveres para que a gente siga existindo, laila oliveira
EP, preto téo
tinkuy, jade bittencourt
no âmago, enzo iroko
sapa profana, raíssa éris grimm
sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade
decolonial, viviane vergueiro
amar devagarinho..., bruno santana
a piada que vocês não vão contar, kuma frança
guarda-versos: palavras que não pude calar, adrielle do carmo
bricolagem travesti, maria léo araruna
notas de um interior circuntante e outros afetos, calila das mercês
cartas para ninguém, diana salu
764 – da barragem pra cá, raquel prosa et. al.
meus versos e inversos, augusto liras

olho de imbondeiro, lohana kárita
cantos de proteção, resistência e dengo: cada pétala é um ser,
babosa maresia e karina das oliveiras
crônicas coyote, márcia marci et. al.
fragmentos_, juliana tolentino
vagamente, daniel brito
uma natureza secreta, luci universo
eccise, lídia rodrigues
caos – recortes de um peito negro, victória sales
diversas maneiras de amar, victor alejandro
comer do próprio coração pra viver na própria pele, capitú

cole-sã Odojá:

esboço, tatiana nascimento
{penetra-fresta}, bárbara esmenia
lundu,, tatiana nascimento
interiorana, nívea sabino
tautologias, daisy serena
sangue, nanda fer pimenta
periférica, kika sena
mil994, tatiana nascimento
afroqueer existência: dor luta amor, pedro ivo
tribadismo : mas não só – 13 poemas a la fancha + 17 gritos de
abya yala, bárbara esmenia
maravilha marginal, letícia fialho

cole-sã Odara

percursos estéticos: abordagens originais sobre o teatro do
oprimido, bárbara santos

todos os títulos da cole-sã escrituras
estão disponíveis pra venda (impressos) ou download gratuito (.pdf) no
portal:

www.literatura.lgbt

conheça o site da padê:
www.pade.lgbt